

XIII Jornada Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC

Políticas públicas
educacionais: o que
esperar para o pós
pandemia?



(TRANS)FORMAÇÕES EM TEMPOS DE CRISE: A INCERTEZA NO PÓS PANDEMIA

Henrique Ziembowicz
Universidade de Santa Cruz do Sul
Marcelo Carneiro
Universidade de Santa Cruz do Sul
Camilo Darsie de Souza
Universidade de Santa Cruz do Sul

...

Eixo 2- Educação, Cultura e Produção de Sujeitos

A disseminação do SARS-CoV-2 (Síndrome Respiratória aguda grave por coronavírus tipo 2) ocorre por meio de gotículas disseminadas, as quais são oriundas, principalmente, da tosse ou espirro entre indivíduos (HESSEL DIAS et al., 2020). A circulação viral ocasionou uma pandemia capaz de alterar paradigmas, especialmente, em relação à mobilização de recursos necessários aos atendimentos oferecidos como uma das estratégias, juntamente ao distanciamento social, para promover segurança em escala global. A intenção foi garantir e minimizar a propagação desordenada do vírus. No último ano, mudanças sociais e comportamentais forçaram uma globalização dos padrões que diferem de outras pandemias.

O objetivo destas condutas foi, de modo seguro e amplo: garantir a assistência em saúde e; mitigar a propagação viral desenfreada em face às dinâmicas globalizantes. Vale destacar que a globalização permite, por um lado, a grande movimentação socioeconômica de bens materiais (ou não) para além das fronteiras geofísicas e políticas, como conhecemos tradicionalmente, assim, facilita a vida moderna. Contudo, por outro lado, potencializa a disseminação de doenças, favorecendo pandemias virais (CARNEIRO et al., 2010; CARNEIRO et al., 2011).

Após dez anos da primeira pandemia deste século, em 2009, percebeu-se que elas interagiram de maneira singular conforme contexto global em que se desenvolveram. A pandemia de Influenza e a de SARS-CoV-2 encontraram diversos aspectos sociais díspares como as distintas mediações com o campo político-econômico, bem como as

mudanças nas relações contemporâneas, a desequilibrar o amplo eixo de bem-estar biopsicossocial.

Neste sentido, desvela-se a importância do processo transformativo por meio das estratégias de produção de sujeitos no âmbito da educação e cultura em meio a discursos dissonantes entre os interessados, ou seja, sujeitos produzidos e formadores/produtores das (trans)formações socioeconômicas.

A metodologia do presente escrito consiste em uma reflexão narrativa dividida em três etapas. Intentamos interpretar o significado destes termos no atual momento e as futuras consequências oriundas da crise por Covid-19. Na segunda, buscou-se a existência de um *pós* pandemia à luz de argumentos tensionados que operam no aspecto educacional. Na última etapa, o escrito narrativo foi norteado por perguntas reflexivas concernentes à potencialização das tensões preexistentes em um possível cenário de *pós* pandemia. Qual a potencial reverberação de uma dissonância entre aqueles sujeitos produzidos e dos gestores e provedores em saúde? Existe um frisson tensional no âmbito da Cultura e Educação?

O tensionamento de práticas discursivas, neste sentido, é de grande relevância no que diz respeito aos conhecimentos contemporâneos que envolvem a Educação, Cultura e Produção de Sujeitos. A partir desta reflexão, pretende-se elencar e discutir as (trans)formações em tempos de crise e a incerteza no *pós* pandemia.

Discutir e interpretar onde estamos é uma tarefa árdua porque parte de dois grandes temas: a) biopolítica, entende-se, aqui, pela complexa interação entre Educação, Cultura e Produção de Sujeitos e; b) as consequências da interação entre gestores e provedores no campo da educação em saúde. Ambos os conceitos, inter-relacionam-se de maneira complexa, e não devem ser abordados de maneira separada.

Esta condição interfere nas medidas de contenção da pandemia e, assim, a gestão de recursos humanos em saúde reverbera em atitudes simples como uso máscaras e no uso de ventiladores mecânicos em alta complexidade hospitalar. Nesta toada, para entender esta complexidade, é necessário discutir e interpretar o atual estado das coisas e para onde vamos no *pós* pandemia. Entende-se que todo o frisson tensional e transformacional entre os discursos em educação, cultura e produção de sujeitos foi necessário apesar dos (pre)juízos, vide que os gestores são e seriam criticados caso não aliem e as condutas globais aos interesses individuais/nacionais e vice-versa. Os discursos

dos sujeitos produzidos são amplamente ambivalentes conforme circunstâncias, a mesma conduta pode vir a ser criticada em pouco tempo após uma nova alteração situacional.

Contudo isto possui certo efeito intercambiante porque os gestores e provedores em saúde agem conforme seus melhores interesses; do mesmo modo agem os sujeitos/pacientes. Falar, controlar, opinar, pensar e aprender sobre a saúde passou a fazer parte das competências necessárias para uma vida melhor. Esta, seria justamente uma das pretensões comunitárias: tornar individuais as decisões que melhor favoreçam o viver coletivo em detrimento das liberdades individuais e vice-versa.

O estudo justifica-se pela necessidade de tensionar os argumentos pandêmicos que são divulgados e aplicados de uma forma ampla em políticas públicas educacionais, a promover, assim, uma discussão pela perspectiva interpretativa dos conceitos empregados à educação em saúde.

Não é necessário evidenciar os discursos em saúde no contexto de pandemia: ele é claro, evidente e reg(r)ador. Assim, as dinâmicas mimetizam o passado, emergem e se transformam, constantemente: torna-se de interesse comunitário desvelar tais transformações e (re)significações em tempos de crise a incerteza. Nesta síndrome ligada à cultura, não seria, também, papel do educador: (trans)formar?

As linhas acima resultam na importância de uma política de saúde pública global que oriente nas dimensões atuais: a pandemia nos municia de dúvidas e, o real impacto em todas as esferas de nossa vida ainda é incerto. Em 2020 (re)emerge o antigo conceito da vigilância em saúde responsável por ações de vigilância, prevenção e controle de doenças transmissíveis, pela investigação de fatores de risco e pela análise da situação da população.

De forma atual, o conceito, passa a ser estendido a uma série de reuniões de arquivos, análises e interpretações de dados relacionados à saúde de forma sistemática na finalidade de prevenir doenças ou eventos importantes para a saúde pública, seguido da disseminação de informações norteadoras de políticas públicas (BRASIL, 2019). Um exemplo prático da aplicabilidade do conceito é a Portaria Nº 454, de 20 de março de 2020, a qual declara em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (BRASIL, 2020c).

Há duas (trans)formações oriundas destes processos, a primeira versa sobre evitar/conter (des)informações, convencionou-se chamar por *epidemiologia legal*; a outra

é produto da primeira é possui como finalidade conter a *infodemia* (BURRIS, et al., 2021; SCALES, et al., 2021).

Por meio desta reflexão narrativa, verificou-se que em tempos de crise, é prudente interpretar as transformações no campo educacional e cultural dos sujeitos a fim de conter danos causados pelas disseminações de SARS-CoV-2 e de *apenas dados numéricos*. Em tempos de incerteza: não é prudente pensar em um *pós* pandemia, é necessário, antes, pensar-se em coabitação e medidas de contenção/mitigação de danos, grosso modo, pensar nos próprios processos de transformações porque, em suma, é a própria ciência que se depara entre as ameaças do negacionismo e cientificismo (DA SILVA, 2020).

Em face às questões educacionais, culturais, os sujeitos produzidos e os discursos apresentam o que poderíamos chamar de *autopoiese*, além de ordenações regr(a)tivas como o distanciamento físico perpetrado por parte dos órgãos competentes; o cumprimento das medidas é compreendido como ato de cidadania. Deste modo, munidos do novo conceito de *epidemiologia legal* em mãos - a qual (i)legitima discursos em saúde - nesta síndrome ligada à cultura, não seria, também, papel do educador: *(trans)formar?*

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Saúde; Gestão de Recursos Humanos em Saúde; Biopolítica; Síndromes Ligadas à Cultura; Pandemia por COVID-19.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Saúde. (2020c). Portaria Nº 454, de 20 de março de 2020. Declara, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (covid-19). **Diário Oficial da União Brasília:** Autor. <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-454-de-20-de-marco-de-2020-249091587>
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de vigilância epidemiológica. **Guia de vigilância em saúde:** volume único [Internet]. 2019. Disponível em:<https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_saude_3ed.pdf>. Acesso em: 02. set. 2021.
- BURRIS, Scott; ANDERSON, Evan D.; WAGENAAR, Alexander C. The “Legal Epidemiology” of Pandemic Control. **New England Journal of Medicine**, v. 384, n. 21, p. 1973-1975, 2021. <https://doi.org/10.1056/NEJMp2103380>
- CARNEIRO, Marcelo et al. Influenza H1N1 2009: revisão da primeira pandemia do século XXI. **Rev. AMRIGS**, p. 206-213, 2010. <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=685611&indexSearch=ID>

CARNEIRO, Marcelo et al. The influenza A/H1N1 pandemic in Southern Brazil. **Infection Control & Hospital Epidemiology**, v. 32, n. 12, p. 1235-1237, 2011. <https://doi.org/10.1086/663012>

DA SILVA, Gabriel Ferreira. Entre cientificismo e negacionismo. **Estado da Arte**, São Paulo, 20 de mai. de 2020. Disponível em:<<https://estadodaarte.estadao.com.br/entre-cientificismo-negacionismo-ferreira/>>. Acesso em: 04. set. 2021.

DIAS, V. M. C. H. et al. Orientações sobre diagnóstico, tratamento e isolamento de pacientes com COVID-19. **J Infect Control**, v. 9, n. 2, p. 56-75, 2020. <https://infectologia.org.br/wp-content/uploads/2020/07/orientacoes-sobre-diagnostico-tratamento-e-isolamento-de-pacientes-com-covid-19.pdf>

SCALES, David; GORMAN, Jack; JAMIESON, Kathleen H. The Covid-19 Infodemic—Applying the Epidemiologic Model to Counter Misinformation. **New England Journal of Medicine**, 2021. <https://doi.org/10.1056/nejmp2103798>